



LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

Volume 3. Nº 5. Ano 2011

A MULTIMODALIDADE: A IMAGEM COMO COMPOSIÇÃO EM INTERCHANGE INTRO

Maria Eldelita Franco Holanda (Universidade Estadual do Piauí)



RESUMO

O presente artigo objetiva analisar como a imagem e sua representação multimodal se materializam na produção de sentidos através da conjunção dos vários recursos semióticos: texto visual e texto verbal, tipografia e layout presentes no livro didático Interchange Intro. Analisa-se também, como o elemento visual representa o mundo através da linguagem e como ela constrói as relações de sentido na organização e constituição do texto. A multimodalidade será estudada tomando-se como aporte teórico a gramática visual proposta por Kress e van Leeuwen (2006), baseada na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004). O foco das análises é a metafunção composicional da Gramática do Design Visual identificada em uma unidade do livro Interchange. Os resultados preliminares apontam para a inserção multimodal na composição dos textos/ atividades presentes nesse livro didático.

Palavras-chave: Gramática visual, multimodalidade, imagem, metafunção, recursos semióticos



ABSTRACT

This paper aims at analyzing how the image and its multimodal representation is embodied in the production of meaning through the combination of the various semiotic resources: verbal text and visual text, typography and layout present in the textbook Interchange, Third Edition. It will also be observed how the visual element represents the world through language and how it builds relationships of meaning in organization and composition of the text. Multimodality will be studied using as theoretical support the notion of visual grammar proposed by Kress and van Leeuwen (2006), based on of Halliday's (1994) systemic functional linguistics The focus of the analysis will be on the compositional metafunction of the Grammar of Visual Design in one whole unit identified in the book Interchange. Preliminary results point to the insertion of multimodal texts in the textbook.

Keywords: Literary, Translation, Paratexts, Literary System, Canon.

1. Introdução

O estudo da multimodalidade implica uma reflexão sobre certas questões fundamentais como a relação imagem/texto e como os significados são produzidos, distribuídos, recebidos, interpretados e criados na interpretação por meio através dos modos representacionais e comunicacionais (JEWITT, 2008). Leva-se também em consideração o papel e importância da imagem visual na composição do texto no livro didático de inglês, tendo-se que tomar como estatuto geral a relação entre imagem e espectador, bem como a relação entre os elementos dessa imagem na materialização do texto do Livro didático *New Interchange*

A partir disso, tomam-se as noções sobre cultura e comunicação visual, multimodalidade, letramento visual e gramática visual para investigar como a multimodalidade se presentifica no encaminhamento dessa discussão.

Neste artigo, com base na Teoria Multimodal e na Teoria do Letramento, pretende-se analisar como a multimodalidade assume posição na constituição do texto e na produção de sentido. Parte-se do pressuposto de que os textos são multimodais (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006). A representação multimodal se materializa na produção de sentidos pela conjunção dos vários recursos semióticos; entre eles, a imagem está presente em eventos comunicativos ou situações de comunicação refletindo a dimensão expressiva e produzindo sentidos. Neste trabalho, observa-se também, como o elemento visual representa o mundo através da linguagem e como ela constrói as relações de sentido na organização e constituição da relação imagem/texto. A multimodalidade será estudada tomando-se como aporte teórico a noção da gramática visual proposta por Kress e van Leeuwen (2006), baseada na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994).

A Gramática Sistêmica- Funcional (doravante GSF) de Halliday (1985, 2004). concebe a linguagem como um recurso para produzir significado, e este se insere nos padrões sistêmicos de escolha., que fornece recursos para se cumprirem determinadas funções comunicativas na instanciação da linguagem em contextos específicos, de situação e cultura. A premissa fundamental da GSF é sua completa interconexão da linguística e o social, pois o foco é como as pessoas usam a língua para criar significado com outras pessoas, quando realizam atividades em sua vida social.

Na Linguística Sistêmica-Funcional de Halliday de M. A. K. Halliday (1978, 2004) a linguagem é percebida como um sistema aberto a mudanças pautadas socialmente, estando estruturada em três dimensões e componentes semânticos identificados como metafunções: (1) ideacional; (2) interpessoal; (3) textual. A primeira – a metafunção ideacional – mostra o uso da linguagem como representação das experiências internas e externas do indivíduo, enquanto a segunda (interpessoal) diz respeito à forma como se dá a interação entre falantes e linguagem quando da exploração do significado interpessoal. Por fim, a metafunção textual revela as relações coesivas e de estruturação da informação no texto.

Kress e Van Leeuwen (op. cit.) referenciados pelos conceitos da GSF de Halliday (1994) adaptaram e ampliam as funções hallidayana: a primeira *ideacional* (representa o que está em nossa volta, como também o sistema de crenças e conhecimento) a segunda, a *interpessoal*, (apresenta as interações sociais entre os participantes do discurso) e a terceira, a *textual* (revela a composição do

todo, a maneira como os elementos interativos e representacionais se relacionam e como eles se integram para construir significados, e para caracterizar as funções que os diferentes modos semióticos realizam, liga as partes do texto num todo coerente, constituindo e ligando este texto a contextos situacionais), que descreve como a linguagem visual representa experiência, se relaciona com o observador e estabelece e se organiza como estrutura visual). Os teóricos argumentam ainda que tanto os recursos semióticos visuais, como os verbais, servem aos propósitos comunicacionais e representacionais

A GDV toma como base a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985, 1994) e parte do pressuposto de que, da mesma forma que a linguagem verbal, a visual é dotada de uma sintaxe própria, na qual elementos se organizam em estruturas visuais, para se descreverem todos os significados veiculados textualmente

O foco das análises reside na metafunção composicional da Gramática do *Design Visual* de Kress e van Leeuwen (op.cit), identificada em uma unidade do livro *Interchange*. Esse estudo objetiva ampliar a discussão sobre a presença e o uso da multimodalidade no material didático em inglesa.

Este artigo está organizado nas seguintes partes, assim divididas: 1 O visual e sua importância; 2) definição de letramento, letramento visual; 3) Multimodalidade, 4) a Gramática do *Design Visual*, 5) e a análise das metafunções interativa e composicional das atividades do livro *Interchange Intro*.

2. Pressupostos Teóricos

O estudo da multimodalidade tem merecido a atenção de estudiosos preocupados em compreender o papel da imagem e de outros modos semióticos na representação e na comunicação. Observa-se que imagem e palavra têm uma relação mais próxima, mais integrada, como salientam os estudos de Kress (1997), Kress et al (2005) Kress e van Leeuwen (2001,2006), Jewit (2001, 2004,2006, 2009), Stökel (2004), Lemke (2002) e (1998) Unsworth 2006). A imagem está presente em muitas áreas como arte, *design*, propaganda televisão, cinema e Internet, para citar alguns, mas mantém uma estreita relação com o ensino, em especial, o ensino de línguas.

Para explicar como o simbolismo visual surge com o homem e sua necessidade de comunicar-se, Dondis (1991, 2007.p.7) retrata muito bem a onipresença da imagem na sociedade quando assevera que a informação visual é o mais antigo registro da história humana. As pinturas das cavernas, no período paleolítico, em que o pictórico era usado como forma de registro e de comunicação entre esses povos primitivos, mostram que a evolução da linguagem começou com essas imagens até chegar ao alfabeto. Enquanto isso, autores como John Berger (1972, p.7) alegam que a visão é o mais fundamental dos sentidos e afirma que “o visual vem antes das palavras”. Martin (1993, apud ROSE, 2007, p7.) usa o termo ocularcentrismo ao descrever a aparente centralidade do visual na sociedade contemporânea. Nessa mesma perspectiva, Rose (2007, p. 4) diz que a cultura visual nos ajuda a entender como a vida social é construída e representada nas práticas sociais através das imagens.

É impossível pensar que a comunicação está confinada somente ao domínio da escrita ou do texto impresso e não se pode pensar em letramento apenas como uma realização linguística, ou ainda de forma isolada a partir de uma vasta gama de fatores sociais, tecnológicos e econômicos, como diz Kress (2003), mas pode-se pensar na direção que a imagem visual está seguindo ao fazer parte da discussão do novo letramento. No contexto de letramento visual, as pessoas precisam ser capazes e competentes para entenderem que as imagens também constroem relações sociais, comunicam eventos ou questões, interagem com o espectador e são estruturadas da mesma forma que o texto verbal. Assim, o letramento possibilita o domínio de um repertório de práticas com os vários tipos de textos, desde o tradicional, impresso aos textos eletrônicos e multimídia, até os textos multimodais, que exigem de cada leitor/usuário competência para ler e entender a incorporação da imagem ao texto, bem como a conjunção de vários recursos semióticos nele presentes. A profusão de imagens e seu uso consistente propiciam a criação do novo conceito de letramento visual, que Callow (2005) define como a habilidade de ler e interpretar e entender a informação apresentada em imagens pictóricas ou gráficas. O letramento visual é importante, pois possibilita a habilidade do usuário de entender e usar imagens, incluindo a habilidade de pensar, aprender e expressar-se em termos de imagem.

O Multiletramento implica que a produção de significado aconteça num ambiente multimodal em que a informação escrita seja parte dos padrões de significado espacial, de áudio e visual, sendo que os modos individuais estão numa interação dinâmica com outros modos durante as atividades de letramento. (COPE & KALANTZIZ, 2000).

Recorremos a Braton 1999 (*apud* STOKES, 2002) quando afirma que o letramento visual explicita que o uso e interpretação da imagem é uma língua específica no sentido de que imagens são usadas para comunicar mensagens que devem ser entendidas para obter significado. O letramento visual, como o letramento linguístico, é culturalmente específico, embora existam símbolos universais ou imagens visuais que são globalmente compreendidas. É necessário, portanto, que, no âmbito do ensino, o aluno também seja ensinado a ler essas imagens, que se possa desenvolver também um letramento visual crítico. Portanto, para que o letramento se realize, é necessário que o aprendiz seja capaz de criar e interpretar significados em um ambiente multimodal e digital.

Multimodalidade

A mudança significativa na função social da imagem visual ocorreu nos últimos cem anos, saindo do campo da arte e abarcando o domínio da comunicação. Além desse deslocamento na área de atuação, ressaltam-se a importância e uso da imagem impulsionada pelos avanços da tecnologia da computação e pelo sistema da imagem digital, além das teorias de comunicação, da cognição visual, que incorporam o uso cultural da imagem visual na comunicação humana.

Esses avanços suscitaram a premência da cultura visual, como sugere Mirzoeff (1999, p.4), ao dizer que a imagem visual é mais comum porque interage com a experiência visual totalmente construída. Além disso, ela é também essencial para a construção cultural da vida nas sociedades contemporâneas ocidentais, sugerindo, desta forma, que o significado é transmitido através da imagem.

Kress e van Leeuwen (1996) afirmam que o código visual possui formas próprias de representação, constrói relações interacionais e constitui relações de significado a partir de sua composição. Desse modo, a compreensão da imagem se faz necessária. Corroborando a ideia da importância e da emergência do visual, Kress (2004) discute como a tecnologia favorece um direcionamento da comunicação, no modo multissemiótico, e como a imagem presente no texto escrito convencional, hoje, tem destaque não somente nas relações sociais estimuladas pela tecnologia, internet, mas também através do direcionamento do uso dessa imagem na mídia impressa. Isso tem motivado estudiosos da semiótica e da comunicação, como Kress, van Leeuwen (2001, 2006), Lemke (2004), Jewitt (2008, 2009), Unsworth (2006), Stein (2008) a uma reflexão e teorização acerca do conceito e uso da linguagem com outros modos semióticos, tais como o hipertexto e as novas formas de letramento¹ e de multiletramentos.

Para Stökel, a multimodalidade é uma “descoberta tardia do óbvio”, que “está ganhando terreno acadêmico” sendo reconhecida como fenômeno tão antigo quanto a própria representação, essencial para a compreensão de toda as formas de comunicação. Diz, ainda, a multimodalidade refere-se aos processos e artefatos comunicativos que combinam vários sistemas de signos (modos) e cuja produção e recepção convidam comunicadores a interrelacionarem semântica e formalmente todos os signos presentes no repertório. (2004, p.9),

Com o avanço das tecnologias, as práticas sociais conferiram novas configurações linguísticas às formas de comunicação dando ênfase aos textos multimodais utilizados largamente em diferentes esferas, incluindo a educação.

E com a mudança na paisagem da comunicação que e com uma dependência em outros modos além da linguagem, tudo isso, tem ajudado modificar a crença de que a comunicação é representada unicamente pelas modalidades da língua escrita e oral. E mais recentemente, filmes, televisão, Internet ampliam o potencial semiótico ao integrar a imagem em movimento, a linguagem (oral e escrita), som e musica. Desse modo, vários autores dentre estes Stökel, Kress van Leeuwen, Jewitt e Dionísio reconhecem que o texto sempre o foi multimodal, porque na sua constituição combina vários recursos semióticos. Nesse contexto, Kress (2003) chama atenção para o fato de que a escrita tenha sido por muito tempo o meio de comunicação mais valorizado dentro e fora da escola, e mesmo que os recursos semióticos venham coexistindo com a imagem, tomando parte da composição do texto, e mais recentemente o foco dos estudos da multimodalidade se volte para a integração dos elementos verbais e visuais no texto para se perceber como o significado é realizado para manter a unidade global do texto.

Convém salientar que a sociedade é multimodal, como a comunicação o é, pois as pessoas usam imagens e formas não- verbal para se comunicarem. Nela se criam sentidos através da combinação de recursos linguístico-semióticos como a fala, a escrita, imagens pictóricas, sons e música, sendo que os recursos visuais se combinam com os elementos linguísticos para originar novos sentidos. Deste modo, Ventola (2004, p.1) afirma que, embora a multimodalidade e

1. Por letramento Lemke (2004) entende como um conjunto de práticas interdependentes que liga pessoas, objetos da mídia e estratégias para fazer significado". (Gee, 1990. Lemke1998b).

multimedialidade sejam vistas como combinações dos vários modos semióticos, sempre estiveram onipresentes na maioria dos contextos comunicativos. Anterior a isso, o New London Group já antevia as *affordances*² que a tecnologia da informação traria para o mundo e como essa conjunção da nova mídia, a Internet e outros recursos semióticos promoveriam uma transformação na combinação de pelo menos dois modos: imagem e texto. Nesta perspectiva Kress e van Leeuwen (2006. p. 20) definem a multimodalidade como:

o uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com as formas particulares em que estes modos são combinados, possa, por exemplo, reforçar-se mutuamente, preencher papéis complementares ou ser hierarquicamente ordenados.

E hoje a multimodalidade constitui um marco importante para o estudo de texto, pois seu enfoque se fundamenta tanto na semântica sistêmico- funcional de Halliday (1994) quanto na semiótica social de Hodge e Kress (1988), centrando-se na compreensão dos significados emanados do texto que se corporificam através dos vários modos semióticos, comunicacionais e representacionais de uma cultura ou sociedade. Sem sombra de dúvidas, o texto multimodal se fortalece nessa época globalizada com transformações socioculturais muito velozes e bombardeada por textos imagéticos ou multimodais carregados de múltiplos sentidos.

Para Jewitt e Kress (2003), multimodalidade é o conjunto organizacional de recursos para a produção de sentidos, incluindo imagem, gesto, olhar, movimento, música e efeito sonoro, vistos como o efeito do funcionamento da cultura que é manifestada na materialidade dos recursos de representação que apresenta regularidades, por razões culturais e pela frequência com que são usados nas interações sociais. Aqui multimodalidade é entendida como pelo menos dois modos ou recursos semióticos (imagem estática e em movimento), texto verbal (texto + tipografia), combinados.

A Multimodalidade refere-se aos processos e artefatos comunicativos que combinam vários sistemas de signos (modos) e cuja produção e recepção convidam comunicadores a interrelacionarem semântica e formalmente a todos os signos presentes no repertório. (Stöckl, 2004. p.09)

Desse modo, constata-se que a multimodalidade tem a preocupação com o uso de vários recursos, e esses teóricos (op.cit) mostram que as imagens desempenham papéis antes exercidos pela linguagem, de forma que o jeito de entender textos multimodais consiste na análise dos modos representacionais por meio dos quais os textos são produzidos e os recursos semióticos para a produção de significados entendidos. Isso remete ao potencial da multimodalidade que vai desde a descrição dos recursos semióticos para a produção de relações semióticas incluída a interação mediada pelo significado, às inter-relações com a tecnologia.

2. Affordance para Kress (2003, p.50) nos dá os meios para inquirir sobre as potencialidades e limitações dos diferentes modos, e pelo menos para começar a examinar se pode haver perdas reais ou potenciais, e que pode haver reais neste movimento, e em que áreas ela pode ocorrer" Tradução nossa.

A Gramática Visual de Kress e Van Leeuwen

A Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen produzida em 1996, no contexto de investigação linguística, constituiu inovação crítico- analítica, ao propor um modelo de análise das estruturas visuais e outros códigos semióticos, visto que o modelo vigente de análise centrava-se nas investigações de estruturas visuais, apenas no léxico das imagens, e não iam além de sua parte iconográfica de seus níveis de significação.

O foco da Gramática visual orienta os estudos das mensagens visuais em contextos comunicacionais, analisando os signos visuais. Esse modelo é parte da teoria da comunicação semiótica, centralizada na semiótica social que focaliza os processos de significação do circuito comunicacional do emissor e do receptor, inseridos numa cultura que contextualiza e ritualiza os aspectos comunicacionais. Nessa gramática visual, foco de nossa pesquisa, os teóricos procuram regularidades que permitam entender de que forma a representação visual e as diferentes relações levam a um determinado tipo de leitura.

Kress e van Leeuwen (2006) caracterizam a gramática visual como código visual que possui formas próprias de representação, que constrói relações de interação e também constitui relações de significado a partir da composição.

A gramática de Kress e van Leeuwen, de natureza semiótica, sugere uma estrutura que considera não somente os aspectos cultural e contextual da imagem como ainda descreve as características linguísticas ou a gramática inerente às imagens (os sintagmas), do mesmo modo que a escrita tem suporte na sua própria gramática. Essa gramática, além de auxiliar a compreensão da imagem como construção de significados, contribui para se entender como a imagem se estrutura e como a linguagem visual se organiza em instâncias de uso.

Nessa linha da Gramática Visual, Kress e Van Leeuwen (2006), apresentam modelos para observação dos elementos que compõem essas imagens, tomando-os não mais como figura, mas como sintagmas visuais correspondentes aos que existem na sintaxe estrutural. A GDV parte do pressuposto que, como a linguagem verbal, a linguagem visual é dotada de uma sintaxe própria, na qual elementos se organizam em estruturas visuais, para se descreverem todos os significados veiculados textualmente.

Kress e Van Leeuwen (op. cit.), referenciados pelos conceitos da Linguística Sistêmica-Funcional de Halliday (1994), adaptaram e ampliaram as funções hallidayanas: a *ideacional* representa aquilo que está a nossa volta, como também o sistema de crenças e conhecimentos; a *interpessoal* apresenta as interações sociais entre os participantes do discurso; e a *textual* revela a composição do todo, a maneira como os elementos interativos e representacionais se relacionam e se integram para construir significados e caracterizar as funções que os diferentes modos semióticos realizam.

Kress e van Leeuwen na Gramática do *Design* Visual apresentam uma teoria social da representação visual, comparam a gramática da língua com a gramática visual. Eles explicam que a gramática da língua se realiza por meio da combinação entre palavras, frases, orações e textos, enquanto que a gramática *visual* (GDV) explora o modo como os elementos – pessoas, coisas e lugares – são representados, observando o grau de extensão dessa representação visual.

Esta gramática faz uma adequação das funções ideacional, interpessoal e textual propostas na gramática sistêmico- funcional de Halliday. Assim, para a função ideacional na GSF que ocorre no sistema da transitividade, corresponde na GDV a função representacional; a função interpessoal na GSF, responsável pela relação entre os participantes, passa a ser interativa na GDV, e a função textual, responsável pela estrutura e formato do texto na GSF, corresponde à função composicional na GDV. Essas três funções da gramática visual estão, portanto, associadas às metafunções da GSF.

Esses teóricos argumentam, ainda, que tanto os recursos semióticos visuais como os verbais servem aos propósitos comunicacionais e representacionais. Nesta perspectiva, tem-se que a linguagem visual é um meio de representar experiência e pode fazê-lo dois modos: através das estruturas representacionais que segundo os esses autores se subdividem em estruturas narrativas e conceituais. As primeiras, as quais não são objeto deste trabalho, apresentam ações e eventos, enquanto as segundas representam participantes em termos de sua essência: classe, estrutura ou significado. Para esses autores, o que distingue uma proposição visual narrativa é a presença de um vetor, de um traço que indique direcionalidade transacional.

Reforçando essa ideia, Kress e Van Leeuwen (op.ci) mostram que as imagens têm um papel importante fora da escola, na mídia eletrônica e impressa, na propaganda e no material informacional, pois a maioria dos textos envolve a interação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos e sonoros. O mesmo significado realizado tanto como forma de imagem, escrita ou fala, será realizado diferentemente. Eles chamam a atenção para o fato de como os multiletramentos compõem nossa vida e exigem sistemas semióticos multimodais que contemplem o potencial de todos os modos representacionais e comunicativos em culturas particulares. A imagem e a relação imagem e texto se materializam no livro didático.

A multimodalidade no livro didático de Inglês

Nos últimos anos, o material didático, em especial, o livro didático de inglês vem sofrendo mudanças visíveis no seu *design*, de certa forma concomitante com as transformações ocorridas na sociedade e compatíveis com o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. Referendada pelas pesquisas sobre o livro didático em Língua Inglesa de Menezes (2009) e Bezemer e Kress (2009), observa-se que o livro didático esta se tornando cada vez mais multimodal, usando na sua composição mais recursos semióticos, o que culmina com a visão de uma sociedade puramente visual., sendo que o crescente interesse pela imagem faz com que o livro didático seja composto de uma conjunção de vários recursos semióticos, em que a imagem não é mais tomada como subordinada ao texto, mas produtora de significado. Assim, ao se tornar mais multimodal, o livro assume a forma de caracterizar e representar a criação do sentido dos signos linguísticos exibindo uma conjunção de imagem e palavras a outros modos semióticos.

Na composição do livro didático ocorreram mudanças visíveis e significativas não somente no seu *layout*, mas principalmente devido à inserção, à proliferação de imagens, fotografias e outras formas visuais. Além disso, percebe-se que a subordinação/dependência da imagem em relação ao texto tem diminuído, ao tempo em que se observa um esforço teórico- metodológico no sentido de reservar às imagens um papel central, visto que elas se tornaram mais especializadas na sua função de comunicação. E como afirma Kress e van Leeuwen (2006), as imagens constroem relações

sociais, comunicam eventos e questões, interagem com o leitor /espectador e, ainda, são estruturadas do mesmo jeito que o texto verbal. Esses teóricos concebem a ideia de que tanto a língua quanto a comunicação visual, ambas podem ser realizadas pelos mesmos sistemas fundamentais de sentidos que constitui nossa cultura, porém, cada um cria sentidos diferentemente, por meio de suas próprias formas específicas o faz de forma diferente, e independentemente. (p.19)

Bezemer e Kress (2009, 2010) analisam o *design* de 23 livros didático de Inglês para o ensino secundário. Eles observam que estes passaram por profundas mudanças não somente no uso da imagem, mas também, no *layout* das páginas e na sua tipografia, pois, de certo modo, o *design* deixa de ser exclusivamente da imagem, passando a contemplar o conjunto de modos semióticos. A imagem é, pois, inserida no conjunto de modos semióticos, dando-se destaque a detalhes pictóricos como tamanho, cor, forma, iluminação, profundidade e movimento e as relações imagem-texto. Na sua pesquisa, esses teóricos analisaram quatro modos de representação; imagem, escrita, tipografia e *layout*. Assim como Bezemer e Kress (2009), também estão interessados no ensino /aprendizagem da língua inglesa como disciplina com potencial multimodal e, principalmente, apostando a relação entre imagem e observador e entre imagem e escrita..

O design do livro não é regido somente pelos princípios da escrita, mas observa-se uma combinação dos vários recursos semióticos como os princípios visuais, gráficos, tabelas, e tipografia. O livro *New Interchane Intro* exemplifica a base semiótica social que justifica as mudanças para um *design* multimodal do livro didático, muito embora não se observe orientação pedagógica para o letramento crítico e ou análise das imagens ou da combinação dos vários recursos semióticos nele presentes.

Porém, ainda se percebe que o contexto multimodal, que faz uso do potencial de significado das imagens, deverá favorecer a comunidade pedagógica alterações em suas crenças e atitudes no manuseio dessa nova ordem na qual a multimodalidade se insere. Sabe-se, porém, que, apesar de todos os esforços de teóricos, ao refletirem sobre a ação da multimodalidade nas mais diversas áreas, é na educação que ela se apresenta de forma contundente e necessária, pois traz noção de como esse novo olhar pode ampliar a possibilidade de usar tais recursos semióticos, promover modificações tanto na apresentação do material quanto no seu uso, agora aliados ao letramento visual.

Pesquisas corroboram esse fato apontando o efeito de novidade que uma transformação desse porte traz e o manuseio racional que o mundo multimodal oferece a todos indistintamente e, por conseguinte, os novos olhares que essas novas representações trazem para o ensino/aprendizagem e, consequentemente, as implicações para a comunicação multimodal.

3. Metodologia

Uma vez que pretendemos/ objetivamos analisar como a imagem e sua representação multimodal se materializa na produção de sentidos através da conjunção dos vários recursos semióticos: texto visual e texto verbal, tipografia e *layout* presentes no livro didático *Interchange Intro*, decidimos centralizar nossa análise no sistema de significado composicional. Na metafunção composicional usaremos os três sistemas inter relacionados: valor da informação, saliência e enquadramento.

Espera-se que na análise dos textos do livro didático o uso da metafunção composicional que vai averiguar como se combinam ou organizam os elementos visuais de uma imagem como um todo coerente e com isso, realçar a conjunção imagem e texto.

Para o propósito deste estudo foi selecionada e analisada a unidade I do livro *New Interchange Intro*, por este apresentar textos multimodais com uma combinação de recursos semióticos como imagem verbal e visual, tipografia, cores e desenhos. Neste estudo foram usadas duas atividades analisadas à luz da Gramática do Design Visual de Kress e Leeuwen, ([1966,] 2006), por meio da metafunção composicional Para análise levou-se, ainda, em consideração quadros explicativos da Gramática do *Design Visual* adaptados por Almeida (2006). A análise, de natureza qualitativa, objetiva analisar como a imagem e sua representação multimodal se materializa na produção de sentidos através da conjunção dos vários recursos semióticos: texto visual e texto verbal, tipografia e layout presentes no livro didático O livro *Interchange Intro* é o primeiro livro da série de quatro livros, cada um composto do livro do professor, do aluno, *workbook*, CD, DVD e CD-ROM.

Análise multimodal das atividades do livro didático *New Interchange Intro*

Para análise das imagens nas atividades usaremos, principalmente, a metafunção composicional. A metafunção composicional, que tem como objetivo organizar os elementos visuais da imagem na composição, cujos significados são obtidos através da distribuição do valor da informação com ênfase entre os elementos da imagem e do texto. Além disso, observaremos a relação imagem/texto. Nesta análise consideramos como imagem toda representação visual quer seja na forma de desenho, fotografia, ilustração, quadro ou diagrama.

Na composição de textos multimodais, as imagens representam a relação entre as pessoas, coisas que eles mostram num complexo conjunto de relações que podem existir. Na função composicional os elementos se relacionam entre si para formar um todo que integram e incluem os elementos no *layout*. Esta metafunção é composta de três sistemas que estão ligados: valor da informação, saliência e enquadramento.

Sobre o *valor de informação* Kress e van Leeuwen (2006) propõem que se observe a posição do elemento na composição: à esquerda, à direita, centralizado, próximo à margem e se há integração entre eles. Além dos valores, esses elementos integram de acordo com a posição da figura. Quando os elementos estão posicionados à esquerda são o *dado*, elementos que contém a informação já conhecida; os elementos posicionados à direita são o *novo*, porque apresenta uma informação nova para o leitor/observador, a qual deve chamar sua atenção. Há, ainda, os elementos posicionados ao centro, denominados de centrais, e nas margens, os denominados de marginais. Quando o elemento se posiciona no topo do texto multimodal é chamado de *ideal*, e quando se encontra na base é denominado de *real*, pois apresenta a informação concreta.

O termo *saliência* é usado pelos teóricos para se referir à importância hierárquica que um ou mais elementos têm numa imagem, quando uma delas chama mais a atenção do observador independente do local onde ele esteja localizado, ocorrendo em diferentes níveis: pano de fundo ou primeiro plano, tamanho, uso de contraste de cores e tons, nitidez, brilho e perspectivas entre os elementos sobrepostos.

O *enquadramento* é um elemento composicional de grande importância e serve para ligar e desligar os elementos da imagem. O espaço vazio, as linhas divisórias, o uso de cores e a forma fazem com que os elementos pareçam enquadrados na composição da imagem, pois indica que elementos visuais estão representados ou não como elementos de sentido.

Nesta parte do trabalho será apresentada a análise de três atividades do livro *Interchange Intro*. A análise seguirá passo a passo os elementos apresentados na fundamentação teórica.

A Figura 1 foi tirada da Unidade 1 do livro *Interchange* p. 2, cujo título: *It's Nice to meet you*, indica como as pessoas podem se apresentar em Inglês. A Unidade é composta ainda de outros diálogos, conversação, Gramática, exercícios escritos e audição do CD.

FIGURA 1
Livro *New Interchange Intro*, p.2, 2005.



A composição da Figura 1 está estruturada horizontalmente e propicia a análise do valor de informação. Observa-se que o posicionamento do rapaz e da moça na imagem, à direita da imagem representa o *novo*, elemento não familiar e para o qual se deseja chamar atenção do leitor. Refere-se, portanto, à apresentação de pessoas engajadas em uma situação de comunicação como o tópico apresentação. O *novo*, nesse caso, representado pela figura, proporciona uma força maior do que o texto, enquanto o diálogo, situado à esquerda, representa o *dado*, o aspecto familiar ao leitor/espectador proposto pelo produtor. O posicionamento do elemento na parte superior (*o ideal*) ganha uma maior importância informativa, em relação ao real, o quadro da parte inferior da página.

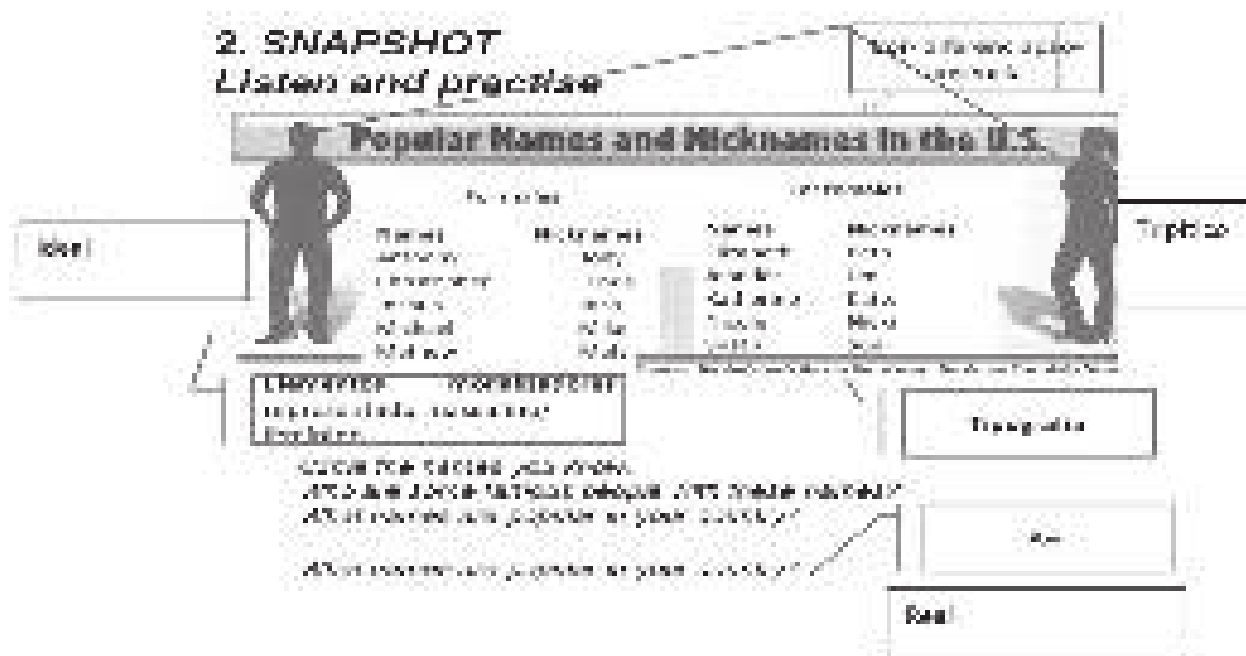
A *Saliência*, outro elemento da composição, em que a imagem realça os participantes representados, no primeiro plano é construída de modo a destaca-se dos outros participantes que também compõem a cena, mas ficam em segundo plano. Os dois participantes principais são mostrados com maior ênfase e hierarquicamente são mais importantes, pois toda a ação se desenvolve a partir deles. A importância desses participantes é mostrada por meio da suavização de cores, da naturalização do ambiente e da luminosidade, dando um ar mais natural aos participantes representados. Além disso, observa-se que as suavizações dos traços e dos gestos entre os participantes

e a luminosidade destacam ainda mais o envolvimento dos dois participantes durante o diálogo entre eles. A figura chama a atenção para o vetor que realiza a interação entre os dois participantes do primeiro plano, que emana da linha dos olhos do rapaz ao olhar diretamente para moça, mostrando confiança e quem comanda a interação. Porém, ela desvia o olhar do participante e o direciona ao observador/leitor, apontando que a ação é dirigida ao leitor/observador. A imagem está conectada ao texto, e as unidades linguísticas estão representadas pela imagem, a qual ajuda a compor o texto.

No *Enquadramento* a imagem mostra a conexão entre os participantes que se encontram: centralizados na imagem, em posição frontal interagindo com observador/leitor, configurando, dessa forma, uma relação de afinidade social de demanda. O rapaz em posição frontal interage com a moça a quem está se apresentando, numa relação de mais proximidade e de envolvimento social. No outro plano, eles estão de costas para os outros alunos o que indica um certo afastamento destes. Isto se deve ao fato de que a ação se desenvolve na sala de aula, mas se realiza entre esses dois participantes representados. A imagem do gesto de cumprimentar serve de objeto de contemplação para o observador/leitor. Há uma relação muito próxima entre imagem e texto. Observa-se também que há uma estrita relação entre o texto verbal, o diálogo, que é explicitado pela imagem. Assim a relação imagem/texto ajuda o aluno iniciante a compreender melhor o sentido geral do texto.

A figura 2 representa um exercício denominado de *Snapshot*, que explora nomes mais comuns na língua inglesa, ou seja, aspectos culturais. Essa atividade usa bastante a tipografia, em que cores, formas de letras dão um ênfase maior ao que se deseja comunicar.

FIGURA 2
Livro *New Interchange Intro*, p.2, 2005.

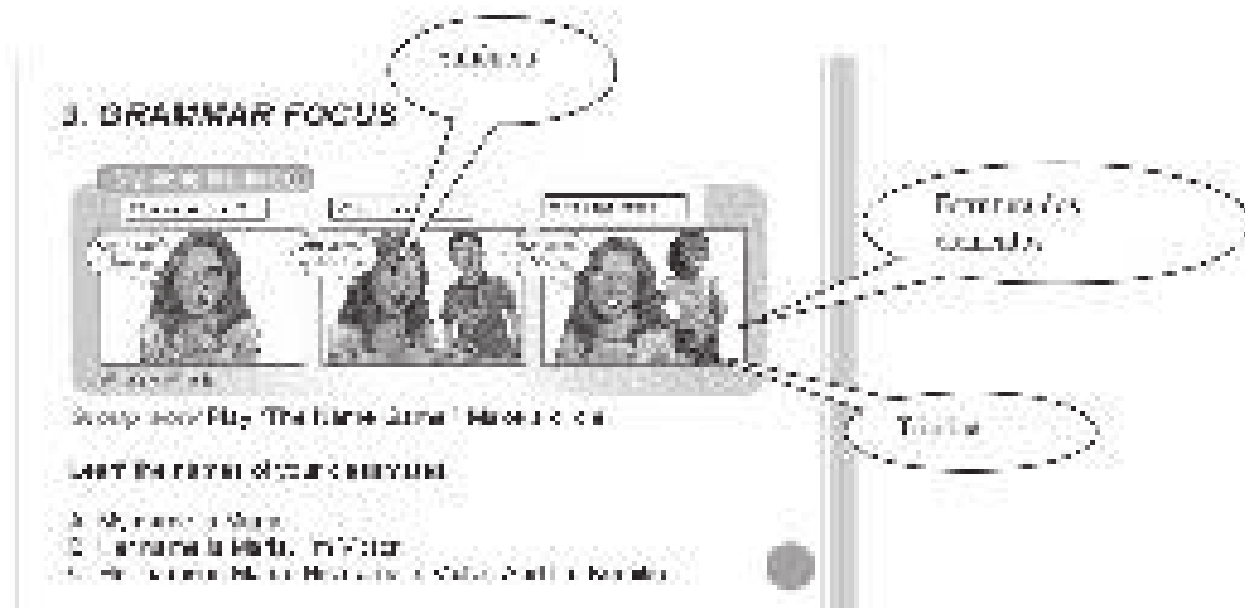


Na figura 2, os elementos mais salientes são representados pelos elementos de cores diferentes nas figuras masculina e feminina. O contraste e a intensidade da cor realça a diferença de gênero, mas não o caracteriza, pois ao que parece o produtor usa aleatoriamente as cores verde para o homem e *pink* para a mulher. O enquadramento é fraco, o fundo ajuda a compor a imagem.

No *layout* observa-se a intenção do produtor em criar e manter o contraste. O produtor posiciona a figura masculina à esquerda, e a feminina à direita, uma conotação simbólica ou a manutenção do *status quo* para o macho. Outro aspecto de grande destaque é a saliência enfatizada pela tipografia que serve para chamar atenção do leitor/observador para a organização da imagem.

A figura 3 introduz o foco gramatical da unidade. A noção gramatical é apresentada por meio de imagem e de texto verbal.

FIGURA 3
Livro *New Interchange Intro*, p.3 , 2005



O quadro da Figura 3 é composto pela combinação tríptica, pois há três divisões no quadro: a primeira e a segunda, respectivamente, referem-se ao aspecto linguístico; no terceiro bloco de informação, o mais saliente, a imagem da moça em um ângulo frontal, sugere o envolvimento desta com o observador. O olhar é sempre direcionado para o observador convidando-o a interagir com ela, caracterizando, assim, a demanda. A relação da moça com os outros participantes se configura em uma relação de afinidade social. Além disso, a figura também constitui a parte mais importante do texto, pois a apresentação do item gramatical se reveste de um convite para que o observador interaja com o texto. Os movimentos da mão sinalizam ou intensificam a relação social entre os participantes. Aqui a saliência é mostrada principalmente pela posição dos elementos representados na figura, pelas cores suaves, e os traços dos participantes na realização da ação. No foco gramatical, a combinação da imagem e texto (sentenças) torna a produção do significado mais explícita, portanto, mais fácil de ser compreendida pelo aluno. O texto e a imagem têm uma função paritária na compreensão do aspecto gramatical.

4. Considerações Finais

A análise preliminar revelou que o livro *Interchange Intro* apresenta a modalidade visual, integrando imagem e texto verbal, e a comunicação atual oferece oportunidades sem precedentes para a criação de sentido multimodal, dentro de uma dinâmica de transformação do texto e do discurso.

Como se pôde verificar, através da análise dos textos, que o livro *Interchange* é multimodal, porque congrega vários modos como o visual, o verbal, a tipografia, e o *layout* que podem ser usados para facilitação da compreensão da língua como um todo significativo. Como se verifica por meio da análise, que as mudanças não ocorreram somente no âmbito das imagens, mas também no *layout*, na tipografia e na escrita, levadas pelas mudanças semióticas e sociais. Como se pode ver, as imagens e outros elementos gráficos constituem-se em representações semióticas com vasto uso social no livro didático. É fato que os recursos multimodais constitutivos do livro didático em questão, apresentam e destacam a imagem, dentre os outros recursos semióticos, como meio de interagir com o aluno, propiciando dessa forma, uma compreensão mais ampla da língua.

Observou-se, preliminarmente, que é possível aplicar os princípios da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006), à análise de textos multimodais em livros didáticos de inglês, visto que essa gramática, por sua natureza semiótica, sugere uma estrutura que considera tanto os aspectos culturais e contextuais da imagem quanto descreve, ainda, a gramática inerente às imagens. Apesar de a multimodalidade estar presente no material didático e, em particular no livro, observa-se que as imagens do livro didático ainda não receberam a devida importância no contexto escolar. Como Kress (2003) e Jewitt (2008), espera-se que, com o reconhecimento do valor da multimodalidade para o ensino, a aprendizagem de línguas pelas instituições de ensino seja reconhecida, que as instituições educacionais possam estimular e instituir o letramento visual como prática pedagógica, como o que já está acontecendo na Austrália, por exemplo.

A análise mostrou que os livros de *Interchange* apresentam uma combinação dos sistemas semióticos, o verbal, na forma de diálogos, exercícios e o visual que ajudam a realizar significados que se complementam quando eles co-ocorrem na página impressa. Outro aspecto que se pode ressaltar é que muito embora o livro analisado tenha uma composição multimodal, ele não traz nenhuma orientação para o letramento visual.

Embora o livro na sua organização possua características multimodais, o produtor deste material didático não fornece nenhuma pista sobre a inserção das imagens, ou a conexão destas com outros modos semióticos presente nele. Desse modo, se reconhece através da multimodalidade que a língua não é mais o centro de toda a comunicação, mas ela fornece os meios para descrever uma prática ou representação, e quando ela se une com a imagem, explorando o potencial de significado de ambos os modos, podem expressar toda riqueza e complexidade semiótica na produção de sentido. (VAN LEEUWEN, p.39, 2011). Assim é preciso enfatizar que os sistemas semióticos verbal e visual ajudam a realizar significados numa relação de complementaridade e que a multimodalidade ajuda na configuração do texto.

Nesta análise observou-se que a importância da estrutura *dado/novo* é muito presente neste material, e o *ideal / real*, *margem/centro* aparecem com certa regularidade na constituição do texto multimodal nas imagens estáticas deste livro. As cores, o *layout*, o texto escrito, a tipografia são usados como destaque para que se compreenda a situação comunicativa. Há uma ênfase nos elementos humanos em sua interação na composição da imagem. Enfim, a multimodalidade como parte constitutiva do material didático é numa realidade inquestionável, e, portanto, precisa de um olhar pedagógico mais preocupado com sua utilização no ensino. Assim, a metafunção composicional provou que na composição da imagem pode realçar os modos de organização do texto observando quais os elementos mais salientes que definem a maneira de ler e compreende a imagem,

Embora este estudo tenha uma quantidade mais limitada de dados, os resultados apontam para uso intenso da imagem no livro didático com potencial semiótico para produção de sentido. Que o texto verbal é usado em conjunção com vários outros modos semióticos, que de certo modo amplia a produção do sentido do texto e pode trazer uma ampliação do letramento visual.

A análise também revelou que a imagem e texto verbal estão integrados no material didático que é possível que amplie o uso da multimodalidade no ensino de língua e que uma pedagogia que atenda a esses anseios de congregar o visual com seus múltiplos significados com o verbal pode possibilitar muitas transformações.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a valorização da multimodalidade no livro didático e conseqüentemente, no ensino de inglês. Sabe-se que esta pesquisa sobre a multimodalidade não se esgota aqui e espera-se que outras possam contribuir para uma aprendizagem mais semiótica e multimodal da língua inglesa.

5. Referências

ALMEIDA, D. B. L. (org.) **Perspectivas em Análise Visual** – do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

BERGER, J. **Ways of seeing**. London: Penguin Books, 1972.

BEZEMER, J. & KRESS, Visualizing English: a social semiotic history of a school subject. **Visual Communication** 8 (3): 249-262. 2009.

CALLOW, J. **Image Matters: Visual Texts in the Classroom**. Newtown, NSW : PETA, 1999.

DONDIS, D. A. **A Primer of Visual Literacy**. Tradução Camargo, J.L. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2.ed. London: Edward Arnold, 2004.

HODGE, Robert, KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. Cambridge: Polity Press, 1988.

JEWWIT, C. **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London. Routledge, 2009.

_____. **The Visual in Learning and Creativity: A Review of the Literature**. (2008). Disponível online em /research-resources/research/literature-reviews Acessado em 10/02/2011.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**. London: Arnold, 2001.

KRESS, G. **Literacy in the New Media Age**. London. Routledge.2003.

MARTINEC, R, & E SALWAY, A. A System for Image-Text Relation in New (and Old) Media. **Visual Communication**, 4(3): 337-71. 2005.

MIRZOEFF, N. **An Introduction to Visual Culture**. London: Routledge, 1999.

RICHARDS, C.J. **Interchange Third Edition**. Intro. Part A. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

ROSE, Gillian. Researching visual materials: towards a critical visual methodology. **Visual methodologies** – An introduction to the interpretation of visual materials. Los Angeles: Sage publications, 2007, p. 3-27.

STEIN, P. Multimodal Instructional Practices. In COIRO.J et al (eds). **Handbook of research on new literacies**. New York: Routledge, 2008.

STÖKEL, H. In between modes: Language and image in printed media. IN: VENTOLA, Eija et al (eds). **Perspectives on Multimodality**. Philadelphia. John Benjamins. 2004.

STOKES, S. (2002). Visual literacy in teaching and learning: A literature perspective. **Electronic Journal for the Integration of Technology in Education**, v.1, n.1. Disponível em: <http://ejite.isu.edu/Volume1No1/pdfs/stokes.pdf> Acessado em: 12/12/2011.

UNSWORTH, L. **Multimodal Semiotics** – Functional analysis in contexts of education. New York: Continuum, 2008.

VENTOLA, Eija et al. (eds). **Perspectives on Multimodality**. Philadelphia: John Benjamins, 2004.

VIEIRA, J. et al. O texto multimodal no livro didático de Português. **Reflexões sobre a língua portuguesa** – Uma abordagem multimodal. Petrópolis. . Vozes, 2007.